

COMENTÁRIOS SOBRE O ARTIGO DO PROFESSOR FRANCESCO TONUCCI

Joel Martins

Da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O Professor Tonucci em seu artigo sobre "A Pesquisa na Escola: Notas para Debate", expressa uma preocupação que se está fazendo sentir em várias partes do mundo. Após um século de desenvolvimento e de uma metodologia de pesquisa em Ciências Humanas e em educação, chega-se, nesse caminho percorrido, a avistar a preocupação com o método mais do que com o problema a ser estudado. Isto é tão mais válido quanto mais se caminha em direção à escola tomada em seu todo; mas, especificamente, quando se investiga o trabalho do professor na execução de sua tarefa.

Até o momento, a preocupação tem se resolvido com a aplicação das teorias de aprendizagem desenvolvidas através dos vários momentos por que passou a Psicologia da Educação. Chegou-se a alcançar grande segurança após a sistematização do behaviorismo por Skinner e do conseqüente ensino programado.

Como bem coloca o Professor Tonucci, enquanto estamos vendo os acontecimentos de forma segmentada não há razão para que os educadores se aflijam com o que está sucedendo e com os resultados obtidos através dos projetos de pesquisa. Mas, quando se pensa na educação, no que está acontecendo na sala de aula e na escola, as pesquisas de ordem geral, fundamentadas num positivismo, parece que têm pouco a dizer. Mostram apenas uma face do problema permitindo que outros aspectos, talvez os mais importantes, permaneçam ocultos.

Logo no início de seu artigo, o autor aponta para o fenômeno escola. Teria sido melhor se houvesse usado, na escola enquanto ela está aí, isto é, enquanto não se mostra na sua essência, mas apenas é visível no seu aspecto enquanto entidade e, nessa postura, pode ser vista já de imediato. Ao focalizar a escola na sua multiplicidade, o professor Tonucci procura identificar variáveis, mostrando quão importante são elas para a explicitação da escola.

Discute, ainda, o Professor Tonucci, a insipiência do método experimental como instrumento de pesquisa para examinar a realidade complexa que é a escola. Poderia, ele, ainda, continuar, não apenas mostrando como o método experimental é insipiente para des-velar a escola, mas enfatizando, ainda, a insuficiência das outras metodologias usadas pela pesquisa empírica aplicadas à escola e à educação, uma vez que perdem de vista tanto o homem, como aquilo que o pesquisador pretende fazer.

No desenrolar de suas idéias, o Professor Tonucci apresenta uma hipótese de trabalho para a pesquisa na escola. Todavia, mergulhado nas suas preocupações, sem encontrar saída para trabalhar melhor a educação ou as ciências humanas em geral, vê nas descrições feitas por

observadores, professores e educadores em geral, uma possibilidade. Todavia esta descrição, como constitutivo do método, não se esclarece. Continua oculta a possibilidade da condução de pesquisa fora dos esquemas formais propostos pelo empirismo. Caminha-se em direção à observação e à descrição sem, todavia, esclarecer-se o que está sendo compreendido por observação e descrição. Torna-se bem claro através do artigo, no caminho do autor, que este não está muito seguro de onde chegar, pois, em meio a sua luta para deixar a experimentação e o enfoque empírico focaliza, novamente, a necessidade de instrumentos de investigação.

Ora, todas as vezes que se caminha em direção ao fenomenal é possível perdê-lo de vista, por causa da interferência de instrumentos de pesquisa que, ao funcionarem como uma lente de aumento, ou como um binóculo, não só ocultam como podem muito bem distorcer o fenomenal que está aí diante dos olhos, para ser visto e compreendido. Acredito que aqui esteja o ponto principal para discussão e oportunidade para apresentar-se novas possibilidades de condução de pesquisa, fora do experimentalismo e do empirismo, abandonando, também, qualquer instrumentação que não seja o próprio observador que observa e que vê.

É possível entrar no mundo da educação com a finalidade de compreendê-lo, fazendo-se educação mais do que segmentando esse mundo, em partes isoladas, que serão escrutinizadas por meio de instrumentos de pesquisa. Somente após algumas dificuldades e algum tempo é que é possível ver a centralidade e a relevância deste modo de pensar. Portanto, para se entender educação, em primeiro lugar será necessário participar dela, vivê-la em todos os seus aspectos.

A este viver a educação chama-se "experiência". Só é possível compreender o sentido amplo da educação quando se passa a ver o fenômeno no seu modo específico de Ser, isto é, de manifestar-se, de se tornar visível.

Haverá sempre uma obscuridade inicial no início do trabalho de pesquisa que independe de instrumentos, de tratamento estatístico. Este estágio, porém, é temporário e não é peculiar à educação como área de estudos. É uma obscuridade que existe em qualquer forma de inquérito. Isto aconteceu em todos os grandes movimentos e foi através do esclarecimento destas obscuridades que a ciência fluiu para, em seguida, encerrar-se num método e numa tecnologia, parando de pensar.

O ponto inicial para a pesquisa em educação, como em qualquer outro campo de investigações, é definir as perspectivas e o esquema de referência para sair-se do senso comum. Historicamente aquilo que foi considera-

do préviamente estranho, obscuro e impensável, gradualmente tornou-se aceito como certo e evidente. A luta constante para encontrar explicações para os acontecimentos, que se realiza ao redor dos homens, é que gerou essa primeira obscuridade essencial. Gradualmente, essa obscuridade tornou-se intuitiva para, em seguida, ser vista como uma obscuridade temporária. Uma nova metodologia que se interesse pelo des-velamento da educação tomada na sua totalidade, exige, de fato, uma nova modalidade de pensamento.

Outra obscuridade no encontro de novas metodologias é a que resulta do conhecimento acumulado e da tradição. Esta obscuridade é consequência da dificuldade na aquisição de uma nova linguagem conceptual. Dificuldade esta que também é temporária. Exige apenas disposição para entrar em um novo esquema de referências. A dificuldade final, na superação dos métodos antigos e dos métodos vigentes de pesquisa, com vistas a novas formas metodológicas, decorre da insegurança e da incerteza que os novos métodos possam trazer. Sair da segurança e da certeza estatística, ainda que esta mesma linguagem nunca se tenha apresentado como certa e final, exige consistência, reconhecimento e compreensão da plausibilidade dos resultados. Esta obscuridade só pode ser superada por meio de uma análise cuidadosa, e muito raramente as respostas surgem na superficialidade do pensamento. Isto exige esforço e tempo para superar o pensamento metodológico vigente mas, ao superar, novas aprendizagens se realizam e, dessa forma, há garantia na continuidade do pensamento científico.

A substituição do método vigente de pesquisa dá-se ao incluir-se a *reflexão* como constitutivo do método. Para refletir, há necessariamente a presença de uma consciência. Esta consciência volta-se sobre sua própria atividade para chegar aos princípios que constituem a forma de interpretar. Refletir, como constituinte do método, não é uma forma crítica e simples do conhecimento, ou de algo que se põe diante dos olhos, mas é uma tarefa que o pesquisador se propõe fazer, equivaler a sua experiência concreta com o existir do fenômeno, substituindo assim a medida, a avaliação métrica ou, mesmo, a representação. É sem dúvida uma recuperação do subjetivismo. Mas, o que é realmente objetivo, senão aquilo que é subjetivo para o próprio homem, que investiga o mundo ao redor para tornar visível o que chega à sua consciência?

Não se deve confundir aqui a recuperação do subjetivismo como forma de tomada de consciência do mundo por meio da introspecção, pois esta última é, falando-se de forma geral, a aceitação absoluta do dado subjetivo imediato, interpretado diretamente como se apresenta à mente. Esta idéia de presença imediata pertence tanto à tradição racionalista como à tradição empirista e tem seu fundamento teórico no Cartesianismo. Localiza o fenômeno subjetivo dentro do sujeito e contrasta estes fenômenos com os fenômenos objetivos localizados fora.

Os fundamentos para uma possibilidade de nova metodologia poderiam continuar, o que seria muito longo, afastando dessa forma as reflexões das idéias fundamentais que lhe deram origem. Retomando-se o artigo do Professor Tonucci, quando se mostra apreensivo no que se refere à coleta de dados e a sua interpretação, deve-se pensar que um enfoque novo, humanista, para o

problema da educação como método de pesquisa envolveria:

1. Descrever o fenômeno de forma cuidadosa e precisa a ponto de eliminar quaisquer semelhanças, comparações e crenças. Isto significa que a descrição revela sempre uma análise cuidadosa do fenômeno a ser investigado.
2. Permanecer diante do fenômeno buscando vê-lo. Para isso, é necessário evitar qualquer definição apressada sobre a realidade do fenômeno. Não perder de vista a totalidade do fenômeno, evitando dessa forma, particularizações sensíveis, ou visualizando o óbvio. Esta postura estaria mais em linha com o enfoque empírico de separação de variáveis para controle.
3. O fenômeno visto agora, de forma comprometida pelo pesquisador, está posto em suspensão e pronto para ser descrito.

3.1. Descrição significa aqui a redução do fenômeno. Não se busca uma explicação, mas uma compreensão. Descrever em oposição ao explicar envolve a seleção de um domínio de inclusões e um domínio de exclusões.

Explicar, por sua vez, refere-se num sentido inicial à teoria, idéia construção ou conceito que caminham atrás do fenômeno para justificá-lo.

4. Horizontalizar ou equalizar todos os fenômenos imediatos. Este cuidado refere-se a não assumir qualquer hierarquia de realidade já de início. Horizontalização significa que todos os fenômenos, já de início, devem ser considerados como possuindo uma realidade equivalente, dentro dos limites através dos quais se doam. A obediência a este princípio auxilia o pesquisador a evitar decisões apressadas sobre o grau ou nível de realidade das coisas. Este é um dos cuidados mais difíceis de serem tomados. Olhar o fenômeno que deve ser descrito precede qualquer julgamento sobre real, mais real, menos real, etc.

4.1. A observação deste princípio funciona como uma extensão das regras de inclusão e de exclusão para a descrição. Incluídos deverão estar todos os fenômenos da experiência, e excluídos estão todos os julgamentos de realidade como tal, assim como a metafísica.

O pesquisador que se dirige para o fenômeno como sendo a coisa mesma a ser interrogada, não se dirige para as particularidades, mas busca a essência desse fenômeno, com a finalidade de encontrar suas feições estruturais ou invariantes.

5. Buscar as feições invariantes ou estruturais dos fenômenos. O pesquisador que se dirige para o fenômeno como sendo a-coisa-mesma a ser interrogada, busca a feição particular e peculiar do fenômeno, fora de qualquer possibilidade de ambigüidade. Busca a estrutura das coisas que surgem da maneira como elas são. Os padrões que se repetem são significativos e devem ser ativamente interrogados. Para chegar à invariabilidade do fenômeno, o pesquisador precisa interrogar o fenômeno várias vezes, assim como pode, também, fazer convergir suas interrogações com as interrogações de outros pesquisadores que trabalham da mesma maneira.

5.1. A invariância de um fenômeno surge, somente, quando todos os aspectos do fenômeno pertencem genuinamente à uma mesma gama comum.

Cada um destes tópicos, ou momentos da investigação que interroga os fenômenos, poderia ser trabalhado em suas particularidades. Isto, todavia, escapa aos objetivos destas anotações. O que se pretendeu fazer foi completar o artigo do Professor Tonucci, mostrando que há possibilidade de se interrogar a escola, na sua totalidade, evitando-se o uso de instrumental, medidas e critérios de certeza externos, dados por uma linguagem paralela à própria interrogação do fenômeno.

É verdade, como bem diz o professor, autor do artigo, que a observação é um dos elementos indispensáveis para interrogar os fenômenos e que ela não pode deixar de constituir o conectivo que liga e dá significado aos outros dados.

Em todo interrogar os fenômenos, há sempre um início que coincide com uma observação empírica dirigida para o campo total de fenômenos possíveis de serem experienciados. Inicialmente, o interrogar procura ver as coisas com uma forma peculiar de abertura que é análoga a todos os grandes pesquisadores que interrogam os fenômenos, chegando a uma nova visão do universo. Isto não significa, todavia, que o ver empírico deva ter o seu prosseguimento na segmentação do fenômeno em variáveis independentes e dependentes, cujas intensidades devam ser medidas segundo um método psico-físico. Também não se torna necessário o uso de instrumentos de medida, externos, que poderão distorcer completamente o ver do pesquisador, o seu interrogar e, conseqüentemente, os graus de invariância do fenômeno.

O artigo do Professor Tonucci é muito importante enquanto des-vela sua preocupação com a pesquisa em Educação e em Psicologia. É um alerta para todos aqueles que interrogam no momento a educação que se apresenta aos investigadores, no seu leito Procustiano.

PESQUISA NA ESCOLA: UMA ALTERNATIVA PELA VIA INSTITUCIONAL

Sandra Carvalho

Coordenadora do Plano Municipal de Educação de Piracicaba
- PMEPE.

Este texto pretende comentar uma experiência de trabalho em educação popular pela via institucional. Quero tornar claro aos leitores que o fazemos com certa emoção, já que estamos envolvidas diretamente no processo de criação e implantação de um plano municipal de educação em Piracicaba. Quando iniciamos o trabalho, em meados de 1978, estávamos ligadas à pós-graduação da Universidade Federal de São Carlos, e tínhamos na época, uma visão da escola e da atuação dentro dela, bastante diferente da que hoje defendemos. Essa mudança de posição deve-se, em grande parte, a esta experiência educacional, onde tentamos unir a prática pedagógica com a economia política.

Esta é uma das importantes razões pelas quais devemos divulgar o trabalho, ainda mais se considerarmos que é fruto da reflexão teórica e da prática de educadores relativamente jovens, que passaram a atuar profissionalmente no período pós 1964. Explico: ao freqüentarmos o curso de graduação e mesmo o de pós-graduação em educação, entramos em contato com a produção teórica voltada à denuncia das mazelas do sistema educacional brasileiro, sendo raras as propostas de modificação,

principalmente no que se refere à via institucional. Portanto, conhecíamos poucos trabalhos que nos ajudassem a refletir sobre a prática escolar de maneira globalizante, pois tínhamos de um lado as denúncias e de outro, como Tonucci bem aponta, o uso indiscriminado do método experimental que "aumentou a distância entre a reflexão psicopedagógica de um lado, e a escola 'assim como ela é' de outro."

Desta forma, quando fomos chamadas pela Administração de Piracicaba para coordenar o Plano de Educação, o que nos motivou a aceitar a proposta foi a possibilidade de inovar metodologicamente dentro da instituição a partir de "hipóteses político-sociais".

Ao estabelecermos os objetivos do Plano de Educação, pretendíamos ir de encontro às necessidades da população da cidade, ou seja, atender a demandas estruturais significativas para o incremento da renda nas famílias; atender a adultos para a melhoria de situação junto ao mercado de trabalho; atender às crianças que freqüentam as escolas estaduais, de modo a superarem algumas barreiras culturais. Conseqüentemente, teríamos o desenvolvimento dos seguintes programas: creche e pré-escola,